

## Comentários

Mara Caffé,<sup>1</sup> São Paulo

Agradeço o convite para dialogar com o texto “Preciado, Laplanche, Freud: desobstruindo a escuta psicanalítica do Sexual”, de Rodrigo Lage Leite, cujas contribuições enriquecem o debate sobre problemáticas contemporâneas. Como sabemos, os estudos de gênero trouxeram importantes críticas à psicanálise, denunciando suas bases essencialistas, falocêntricas, colonizadoras e patriarcais, especialmente no que diz respeito aos conceitos de Édipo e castração. Os psicanalistas nem sempre levaram em conta essas questões e, em muitos casos, mantiveram seus modelos teóricos no formol das estruturas essenciais, atemporais e universais. Nos últimos anos, tal situação vem se alterando,<sup>2</sup> dando lugar a estudos interdisciplinares fecundos, favorecendo, assim, a reinvenção e politização das práticas psicanalíticas. Entre esses estudos, encontra-se o de Leite, refletindo sobre os modelos teóricos e o trabalho clínico com “os derivados do Sexual” e a multiplicidade de gêneros.

Vemos que a escolha de Leite por Laplanche ofereceu pontes conceituais importantes à aproximação de um filósofo que se posiciona de modo bastante crítico aos psicanalistas, tendo recentemente lhes dirigido uma interpelação (acusação) bem ácida, durante a 49ª Jornada da Escola da Causa Freudiana, em novembro de 2019. Ressaltando as confluências entre noções da psicanálise e da teoria contrassexual de Preciado, Leite não se ocupou, porém, dos conflitos desse diálogo, os quais retornam indiretamente ao texto. Voltarei a esse ponto mais adiante.

Entre as qualidades do texto, vemos a discussão sobre sexualidade e gênero no âmbito das relações clínicas, sociais e políticas, e não apenas no campo epistemológico abstrato. Assim, o autor reflete sobre um caso clínico, trazendo também referências a filmes nacionais, *body art* e conversas com a cartunista Laerte, mobilizando diversos registros na abordagem do

1 Mara Caffé: psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professora no curso de Psicanálise desse mesmo Instituto, doutora pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, autora dos livros *Psicanálise e direito: a escuta analítica e a função normativa jurídica* e *Crítica à normalização da psicanálise*.

2 O que se deu, entre outras coisas, em decorrência do surgimento dos estudos pós-coloniais e culturais, revolucionando as ciências humanas de um modo geral.

assunto. A interdisciplinaridade e a diversidade de linguagens beneficiam o pensamento clínico, metodologia, aliás, já adotada por Freud.

O autor discute as abordagens médicas e jurídicas diante dos bebês intersexuais, trazendo a excelente imagem das mesas de operações concretas e abstratas em que todos(as) sofremos as designações e redesignações de gênero. Observa que as hormonioterapias e as cirurgias de redesignação sexual de adultos revelam o peso do discurso normativo binário heterocentrado em seu reforço à relação corpo/gênero. Leite não defende, entretanto, o determinismo social absoluto na gênese dessas práticas, considerando as singularidades de cada sujeito no caminho de suas escolhas. Cita os depoimentos de Preciado e Laerte sobre suas transições de gênero, bem como leituras sobre a *body art*, reconhecendo elaborações sofisticadas e processos de reinvenção de si muito longe das rígidas adaptações à ortopedia social.

Outro ponto alto do artigo é a observação de que, ao analista, cabe a “observação do que é”, algo distinto do que “deveria ser”. Leite considera que o que se é sofre constantes deslocamentos e transformações segundo os jogos identificatórios. Diferentemente, o que se deve ser responde ao ideal do eu e aos mandatos superegoicos, admitindo formas menos plásticas. Ao final do texto, o autor esclarece que a

afirmação inicial sobre “o que é” – que poderia ser entendida como rígida e anacrônica ... aqui, diz respeito à verdade íntima e cambiável do sujeito, algo que só pode ser enunciado por ele, e, ainda assim, passível de movimentação. (p. 228)

Leite reforça uma concepção ética e política do ato analítico, segundo a qual:

Apesar de sublinhar o peso das determinações heterocentradas nas decisões de transformação corporal, entendemos que tais escolhas dizem respeito fundamentalmente aos sujeitos envolvidos. Frente à sua importância, cabe ao processo analítico favorecer o maior contato possível desses sujeitos com as fantasias inconscientes em jogo, se possível antes de intervenções sobre o corpo. (p. 222)

Atento às vicissitudes da transferência, especialmente no atendimento aos sujeitos que se afastam dos padrões heteronormativos, o autor aponta o

risco de o analista reproduzir “imposições normativas, possivelmente injuriosas”, apresentando como contraponto o modo pelo qual lidou com isso na condução do caso de Adriano. O relato clínico abre muitas possibilidades de conversa, o que atesta a qualidade psicanalítica de sua escrita.

Destacarei, agora, o que me parece que são dois problemas do texto.

1) Leite identifica com clareza algumas ambiguidades do pensamento freudiano, trazendo excelentes citações a respeito. Propõe, entretanto, uma certa depuração entre os seus elementos, filtrando, segundo a ótica histórica presente, os achados preciosos e revolucionários dos aspectos ideológicos e conservadores. Aproxima-se, assim, de um projeto revisionista da psicanálise, tal como Harris qualifica “os movimentos teóricos de Laplanche”, uma vez que “preservam e reformulam os modelos freudianos” (p. 11). Não estou de acordo com essa opinião, especialmente no que diz respeito às formulações de Laplanche acerca do Sexual e do gênero. A preocupação em “preservar” Freud muitas vezes desativa a enorme produtividade das tensões internas de sua obra. Penso não ser possível – e tampouco desejável – isolarmos o essencial da descoberta freudiana de seus aspectos históricos ideológicos, tal como se praticássemos “a dissecação dos músculos e das fâscias [com] a delicadeza de separar estruturas muito aderidas, sem danificá-las” (p. 17). A vicissitude do saber psicanalítico não o permite. A meu ver, podemos reconhecer os elementos patriarcais e misóginos em conceitos pivôs da psicanálise tanto quanto os seus elementos disruptivos e fundadores de uma nova epistemologia, considerando a relação entre eles como algo da ordem do *paradoxo*, e não da *contradição*. Ou seja, como algo da ordem do movimento, e não da preservação. Nesse sentido, rigorosamente falando, a psicanálise não comporta projetos revisionistas. A fundação é o modo *princeps* de sua transmissão – outro paradoxo.

Retomo agora, nas palavras de Leite, o que talvez seja uma leitura revisionista da psicanálise, hoje em voga, cujo risco é conduzir a “tudo como dantes no quartel de Abrantes”. Acompanhemos o autor: “Proponho que ler Preciado ajuda a reler Freud *per via di levare*, retirando camadas de pigmento que revestem e obscurecem a descrição bruta e sagaz da sexualidade infantil perversamente polimorfa...” (p. 214). Ou então:

o pensamento de Preciado parece encontrar o ponto nodal da descoberta freudiana, a sexualidade infantil perversamente polimorfa, que, *livre* de direcionamentos externos rumo à “configuração definitiva normal”, poderia, *a priori*, desembocar em inúmeras configurações eróticas e identitárias. (p. 215, itálicos meus)

E, mais à frente, Leite afirma que devemos indagar criticamente a psicanálise, a fim de chegarmos ao que seria o seu “essencial”. Talvez o “essencial” seja a escultura a que chegaríamos *per via di levare*, uma vez retirada a camada ideológica que “revestem e obscurecem a descrição bruta e sagaz da sexualidade infantil” (p. 214).

Entendo que a noção freudiana de sexualidade infantil perversamente polimorfa inclui seus sucessivos e às vezes contraditórios desenvolvimentos, nem sempre lineares e contínuos, muitas vezes interrompidos em certas linhas, não sendo esse “conjunto” – ou melhor, “não-conjunto” – decomponível. Isto é o que faz do texto “Três ensaios”, com seus inúmeros acréscimos no decorrer de décadas, um referente impressionante da escrita e da obra freudiana. Esse texto resiste às formas convencionais de uma síntese, reúne sem integrar as sucessivas afirmações de Freud sobre a sexualidade e a pulsão. Num certo sentido, parece haver, aqui, uma forte homologia entre forma e conteúdo, de modo que se transmita algo essencial da noção freudiana de sexualidade.

Não há em “Três ensaios” um esforço de coerência, ainda que veicule linhas desenvolvimentistas, mas não apenas; ainda que se dirija aos sexólogos da época, mas não apenas. Freud não passou o texto a limpo, e o reapresentou muitas vezes durante a vida. Como, então, separar o joio do trigo no que diz respeito à teoria da sexualidade infantil, na tentativa de obter a sua conformação “bruta e sagaz” antes de ela ser deturpada, pelo próprio Freud, pela meta genital normativa? Como filtrar, no âmbito da teoria, seus bons aspectos e seus desvios, sem alterá-la completamente? Fazer trabalhar as tensões internas da obra, em vez de desativá-las, parece ser a única forma de sua exegese.

2) As reflexões de Leite sobre o caso clínico de Adriano se constituem com base nos conceitos clássicos de Édipo e castração, apresentados sem considerações críticas, o que produz certa estranheza, dadas as formulações teóricas iniciais do autor. Embora mencione as concepções tardias de

Laplanche sobre esses conceitos (conforme nota de rodapé na p. 20), enfatizadas por Silvia Alonso em texto citado, é surpreendente que Leite opere com os termos psicanalíticos mais convencionais e conservadores a respeito do Édipo e da castração. Vemos, assim, o “imbróglgio triangular” (p. 15) constituído pela mãe atraente, incestuosa e engolfadora, pelo pai interditor e distante e pelo filho menino-rei necessitado da intervenção paterna, no melhor estilo do Édipo familiarista e patriarcal discutido por Laplanche no texto mencionado por Leite.

Assim, por exemplo, Laplanche discute

a universalidade do complexo de castração em sua forma rígida, em sua oposição lógica “fálico/castrado” ... [indagando se ele] é incontornável, se não existem modelos de simbolização mais flexíveis, mais múltiplos, mais ambivalentes. (Laplanche, citado em Leite, 2020, p. 20)

Segundo esse autor, a castração poderia ser vista como um dispositivo ideológico que tem seu fundamento na lógica binária do terceiro excluído, transmitido ao *infans* pelo pequeno *socius* que o rodeia, sendo um código entre outros possíveis, não tendo o caráter exclusivo e universal no ingresso à cultura. Ainda que mencione esses aportes críticos, Leite, entretanto, não os integra em sua análise clínica, entendendo a castração “no sentido de uma elaboração dos limites, potências e impotências deste ‘menino-rei’ no mundo imaginário, mas tão frustrado, ‘brochado’, incapaz de discriminar seus próprios desejos e trabalhar por eles” (p. 225). Leite qualifica a castração como “rocha incontornável” (pp. 227-228), como recurso simbólico decisivo instituído pela função paterna.

Desse modo, no processo analítico com Adriano, “o sonho do incesto é *frequentemente* retomado por ele e por mim, lançando luz à dificuldade da ‘saída da cama da mãe’. Tal incesto *gradativamente* passa a incomodá-lo” (p. 224; o itálico é meu). Ligada a essa insistência, vemos outra correlata, a que impele Adriano a aproximar-se do pai (pp. 226-227). À “alcova incestuosa” da mãe (p. 227) se opõe a função interditora do pai. Ligam-se aqui, como em muitos escritos psicanalíticos, o incestuoso à mãe e a interdição ao pai. E de pronto, respectivamente, ao feminino e ao masculino. Assim, os pares mãe-feminino e pai-masculino vão se afirmando, de modo intermitente, mas resolutivo. Não estamos longe das bases patriarcais da psicanálise, que reproduzem a hierarquia e o domínio de gêneros, desqualificando a mulher

como sujeito político e atribuindo ao homem a função *princeps* civilizatória. As interpretações de Leite sobre o trabalho com Adriano destoam de suas formulações na primeira parte do texto, e também de suas próprias afirmações sobre a função ética e política do analista, conforme citadas mais acima. O autor parece sensível a isso, no plano da transferência, advertindo a si mesmo quanto ao “cuidado de, ao mesmo tempo, validar a sustentação das diferenças percebidas em relação ao pai e a preservação de fundamentais pontos de identificação com a mãe” (p. 226). O que, de todo modo, não altera a direção das interpretações analíticas.

Nesse ponto específico do artigo de Leite, podemos entrever, ainda que de modo velado, as críticas de Preciado à psicanálise, enquanto prática normativa reprodutora da tecnologia heteropatriarcal. De fato, o autor explorou bem o diálogo criativo e colaborativo entre Preciado e as teorias psicanalíticas, deixando de lado seus atritos e divergências, não sendo este, de todo modo, o escopo do seu artigo. Está claro que o interesse na discussão clínica orientou os seus recortes, não havendo o propósito de uma apresentação exaustiva do filósofo. Preciado formula, entretanto, críticas radicais e ruidosas à psicanálise, sendo difícil convidá-lo para uma conversa sem dar lugar a seus protestos. No artigo de Leite, mesmo que elidido no plano manifesto do texto, podemos entrever Preciado em suas críticas aos dispositivos normalizadores, entre eles, o Édipo e a castração em suas formulações freudianas “seminais”, ainda que no interior dessas mesmas formulações haja também elementos subversivos inovadores. Daí a importância de trabalharmos criticamente com esses conceitos, cuidando para não reproduzirmos “imposições normativas, possivelmente injuriosas”, sendo também o que permite o ingresso da noção de gênero, bem como outras noções advindas dos estudos pós-coloniais, no campo propriamente psicanalítico. Laplanche traçou linhas importantes nesse sentido, conforme indicado no artigo em discussão.

Enfim, Leite nos oferece um texto rico, pulsante, com referências e problemas da prática psicanalítica contemporânea, apresentando francamente suas inquietações clínicas e um retrato das dificuldades e desafios com os quais lidamos atualmente em nossa área.

Mara Caffé

maracaffe@uol.com.br>

Recebido em: 18/2/2021

Aceito em: 18/2/2021

## Comentários

Julio Frochtengarten,<sup>1</sup> São Paulo

O convite dos editores para um contraponto ao artigo “Preciado, Laplanche, Freud: desobstruindo a escuta psicanalítica do Sexual”, de Rodrigo Lage Leite, é uma oportunidade para retomar questões e conceitos *im-perfeitos* para os ouvidos dos psicanalistas. A procura por entendimento e conceituação de *masculino*, *feminino*, *sexualidade*, *gênero* e *sexual* traz sempre o risco de que os tomemos como qualidades dadas pela natureza, perdendo então toda a riqueza da proposta de uma psicosexualidade.

Apoiado nas ideias do filósofo Paul B. Preciado, o artigo de Rodrigo Leite pode ser visto como uma atualização do texto inaugural de Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016). Este teve, na ocasião de seu lançamento, impacto revolucionário, e ainda hoje vivemos o que podemos considerar expansões da sexualidade e dos conceitos correspondentes.

A proposta do texto de Rodrigo Leite é, desde seu título, “desobstruir a escuta psicanalítica do sexual”. Vale ressaltar a observação de Preciado sobre a insuficiência ou, ainda mais precisamente, os descaminhos que, por intolerância às dúvidas, nos levam a atribuir ao simples olhar, através dos órgãos sensoriais visuais, o papel demarcador e definidor do sexual, operando dentro de uma prototípica teoria sexual infantil para a qual nós, psicanalistas, não deveríamos deslizar. Foi a essa tendência que considerei como *naturalização da sexualidade*.

Se por um lado as designações conscientes e os ruídos inconscientes nas primeiras relações, e com o analista, podem operar como injunções sobre as identificações de gênero e a orientação sexual do analisando, por outro lado a relação entre ambos no processo psicanalítico é uma ocasião privilegiada para a constituição da subjetividade e, em particular aqui, da sexualidade. Em minha forma de ver, esta se constrói e se constitui sempre dentro de relações objetais, como é possível entrever na ilustração clínica. Porém, não é esse o aspecto que Rodrigo Leite privilegia em seu texto, mas sim a dimensão pulsional com sua evolução na história do sujeito. Apesar

1 Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

dessa ênfase na dimensão pulsional, ele destaca e faz coro às formulações de Laplanche quando este “sublinha a singularidade, força e inexorabilidade da constituição erótica dos sujeitos, urdida na intersubjetividade” (p. 221). Temos então esses dois caminhos de abordagem teórica: a dimensão pulsional e a relacional e, certamente, elas estão relacionadas. Se, teoricamente, essas duas linhas são passíveis de conviverem e se relacionarem, clinicamente o analista terá que fazer sua escolha; esta deveria recair, segundo minha forma de compreender, naqueles aspectos que podem ser acessíveis à experiência emocional da relação do analista e analisando.

O que suscita minha discussão aqui é a lida com a sexualidade que força um borramento de possíveis discriminações entre evidências anatômicas, genitais, e constituição psíquica. Freud nos deu a noção, no trabalho citado, de que o corpo passa a fazer parte da mente pela presença de instintos e relações desde o início da vida, fazendo, assim, com que a sexualidade passe a ser inscrita, desde então, no que consideramos mental, psíquico, singular na subjetividade. Como esse processo é contínuo, ele se estende para a relação com o analista, a qual, reciprocamente, é afetada pelas experiências passadas, sendo, ao mesmo tempo, uma nova experiência. A partir do estudo das pulsões se desenvolveu boa parte da psicanálise, chegando-se mesmo a organizar as experiências de vida em várias etapas atingindo a genital na sua maturação. Mas essa organização e classificação não me parece dar conta do que se apresenta a um enfoque psicanalítico.

Explorando a vertente trazida por Freud, André Green escreveu:

Freud faz uma distinção entre Eros (instintos amorosos e de vida) e a Sexualidade, que é apenas uma função; e que a libido é a representante de Eros. Freud sublinhou que a Sexualidade não pode ser confundida com Eros, mas se tomarmos agora a relação entre Vida e Amor chegamos à conclusão de que Eros, exprimindo-se como um Instinto de vida, funciona como um vinculador psíquico. Enquanto qualidade de um instinto amoroso, vincular (ligar) significa unir-se a um objeto. A referência à sexualidade sublinha que o objeto de amor é principalmente prazeroso. Portanto, subentendemos que o objeto proporciona segurança, paz, tranquilidade e assim por diante, que são precondições do prazer; mas apenas prepara o caminho para a experiência, uma experiência que liga mais estreitamente o ego inicial a seu objeto nutridor. (1995/1997, p. 216)



Na tradição kleiniana, o conceito de identificação projetiva ganhou posição central, caracterizando novamente um movimento de vinculação. Esta, através da nutrição e da segurança, passa a ser a fonte de constituição da vida psíquica, e não apenas o sexo. É nessa vertente que tomo os trabalhos de Bion, especialmente suas experiências com grupos e a questão dos tropismos que se impõem a cada indivíduo. Também a identificação projetiva, como ele a considera, expressa no ideograma ♀♂, continente-contido, que representa a realização emocional relativa ao aprender. Esse aprendizado acontece com a busca de expressividade que se realiza no encontro com um interior, configurando um acasalamento entre um continente e um contido. Assim como o contido são sentimentos, ideias, imaginações e fantasias em “busca” de expressão, o continente “busca” ativamente conter: uma parceria sexual amorosa que resulta em concepções e representações.

Dessa forma, aprender condensa ideias e emoções, desejos e medos, talentos, e é indissociável do modelo sexual. Expressiva dessa forma de compreensão é a seguinte passagem de *Uma memória do futuro*:

BION Em resumo, “ser” alguma coisa é diferente de “entendê-la”. O amor é o máximo em “tornar-se” e não entender-se.

ALICE (olhando para Rosemary) Eu me “tornei” alguma coisa, e essa coisa, se eu pudesse descrevê-la, poderia depender de eu dizer “Eu amo”.

BION Ou talvez você tenha se tornado alguém que está amando?

ALICE Não, eu amo Rosemary.

BION Se você estiver certa, deve ter se tornado capaz de amar.

ALICE Eu achava que, como psicanalista, você iria afirmar com a maior certeza que eu era homossexual.

BION Muito pelo contrário, na medida em que sou capaz de “ser”, em vez de “afirmar que sou” psicanalista, acho que você está errada em dizer que ama Rosemary se for homossexual; você deve ter se tornado capaz de amar. Tornar-se sexual faz parte da maturação física. O amor real não é uma função da coisa amada, mas da pessoa que ama. Isso faz parte da maturação física. O amor real não é uma função da coisa amada, mas da pessoa que ama. Isso faz parte da maturação mental e não é obstruído por características acidentais da coisa ou da pessoa amada.

EU MESMO Entre essas características que você chama de “acidentais”, você estaria incluindo aquilo que chamamos de sexo da pessoa?

BION Com toda certeza; o sexo se aplica à anatomia e à fisiologia, e, como geralmente ocorre quando falamos em mente, foi dominado pelos psicanalistas, pelo fato de termos que funcionar com uma linguagem que foi inventada para a vida física ou a “experiência sensorial”. “Amor passiona” é o mais próximo que consigo chegar de uma transformação verbal que “represente” a coisa-em-si, a realidade última, “O”, como eu a chamei, aproximando-se dela.

ROLAND Então você acha que Alice poderia me amar?

BION ... Ela é *capaz* de amar você. Isso não significa que ela iria querer estar com você, seja para um episódio efêmero, para toda a vida, ou para objetivos anatômicos ou fisiológicos...

(Bion, 1975/1991, pp. 196-197)

Enfatizo que, como penso hoje, a sexualidade é prelúdio para o pensamento e também uma forma de pensamento que se expressa através do amor – este se dá entre sujeitos e não entre pulsões e objetos. Assim, podemos pensar que o físico, o corporal, é de onde brotam as bases para o aprender com a experiência, o pensamento, desde os mais simples aos mais abstratos? E que estas se realizam na constituição da vida mental? E, inversamente, também na vida sexual (como na religiosidade, na sociabilidade) estão inscritos os modos de organização da mente? Uma unidade psicossomática ou somatopsíquica?

No mesmo artigo citado anteriormente, André Green escreve:

Se meu trabalho não estragou demais a análise, e se o paciente não é muito psicótico, minha esperança, ao fim da análise, será, conforme as diretrizes de Freud, que meu analisando esteja apto a aproveitar um pouco mais a vida do que podia antes de procurar tratamento ou, como diz Winnicott, que esteja mais vivo mesmo que os sintomas não tenham desaparecido de todo. Seria o nosso puritanismo psicanalítico responsável pelo fato de considerarmos a sexualidade desprezível nesse aproveitamento? (1995/1997, p. 216)

## Referências

- Bion, W. R. (1991). *Uma memória do futuro: o sonho* (P. C. Sandler, Trad., Vol. 1). Imago. (Trabalho original publicado em 1975)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 6). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Green, A. (1997). Sexualidade tem algo a ver com psicanálise?. *Livro Anual de Psicanálise*, 11, 217-229. (Trabalho original publicado em 1995)

Julio Frochtengarten  
juliofro@uol.com.br

Recebido em: 4/3/2021

Aceito em: 7/4/2021